

## Vivo no cemitério e ouço conselho dos mortos

**Sou uma lenda viva na minha cidade, onde me conhecem como Maria do Cemitério. Lidar com a morte é natural para mim**

Dona da história: Maria Aparecida dos Santos, 70 anos, administradora, Machado, MG  
Reportagem: André Sartorelli



As pessoas precisam acreditar que os mortos só precisam de descanso. Na minha opinião, temos de ter medo é dos vivos!  
Foto: Hassan Ayoub

Muita gente tem pavor só de ouvir falar em cemitério. Pois esse é o lugar onde passei a maior parte da vida. Administro e moro no Cemitério da Saudade, em Machado, e cuido de mais dois cemitérios em cidades próximas. Sou também coveira, jardineira e, uma vez por semana, revisto mulheres que fazem visitas aos presos da delegacia da região.

O trabalho com os mortos é herança do meu pai, que veio trabalhar como coveiro em Machado nos anos 1940. O administrador do cemitério morreu. Então, meu pai assumiu a função e criou aqui a nossa família.

### **Vivo entre mortos, vi espíritos e ouço vozes**

Eu ficava boa parte do dia brincando em cima de um túmulo cercado. Funcionava como berço. Usei o espaço para fazer o mesmo com os meus filhos. Eu colocava as crianças no "chiqueirinho", com mantas e travesseiros, e eles brincavam e dormiam. Enquanto isso, eu corria para cuidar dos jazigos ou enterrar alguém.

Na cidade, eu era uma das poucas crianças a não ter medo do cemitério. Certa vez, me deparei com uma cigana que cantarolava entre os túmulos. Ela se aproximou e disse que minha vida não seria fácil: eu me casaria duas vezes, teria um monte de filhos e seria feliz. Daí, ela desapareceu.

As palavras dela se confirmaram: tive 15 filhos adotivos e três biológicos, sendo que dez deles já morreram. Meus dois maridos faleceram e foram enterrados no cemitério onde moro.

Em outra ocasião, encontrei uma mulher de cabelo comprido e roupa vermelha no meu quarto. Percebi que se tratava de Hortência, uma amiga minha que tinha morrido havia pouco tempo. Ela se aproximou, sorriu, chacoalhou a saia e desapareceu. Vasculhei o cemitério com policiais, mas não achamos a mulher!

Às vezes, ouço barulhos estranhos ao redor de casa, principalmente à noite. Parece que existe alguém vigiando meus passos... Rezo e consigo dormir. Sou católica não praticante e acredito em vida após a morte. Devido à minha sensibilidade, me tornei benzedeira. Também leio a mão das pessoas e interpreto sonhos.

#### **Não quero saber de tristeza no meu velório**

Digo, em tom de brincadeira, que, se algum conhecido chorar no meu velório, eu volto para puxar os pés dele! Fiz 70 anos e tenho saúde para dar e vender!

Duvido que alguém da minha família leve adiante esse trabalho e o estilo de vida que eu aprendi com o meu pai. Mas acho que as pessoas precisam acreditar que os mortos só precisam de descanso. Na minha opinião, temos de ter medo é dos vivos!

#### **Minha rotina é bem agitada**

Acordo às 5h, faço minhas orações, tomo banho e abro os portões do cemitério às 6h. Vou aos outros dois cemitérios de que cuido uma vez por semana. Almoço às 11h e trabalho até as 18h30, quando janto. Às vezes, sepulto pessoas à noite, porque várias famílias não podem passar a madrugada inteira no velório. Não durmo antes da meia-noite, pois gosto de ficar na janela vendo o movimento dos carros na rua em frente ao cemitério.

#### **Veja a galeria de fotos da Maria do cemitério**





